

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

3 e 11 de Março de 2025

CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA (I)

LORD JIM / 1925

Um filme de Victor Fleming

Argumento: John Russel e George C. Hull, a partir do romance epónimo de Joseph Conrad (1900) / *Diretor de fotografia (35 mm, preto & branco):* Fayon M. Dean / *Cenários, figurinos e montagem:* não creditados no genérico / *Interpretação:* Percy Mermont (*Lord Jim*), Shirley Mason (*Jewel*), Noah Berry (*Capitão Brown*), Raymond Hatton (*Cornelius*), Duke Kahanamotu (*o “escudeiro” de Jim*), George Magrill (*Dain Waris, o filho do sultão*), Nick de Ruiz (*o sultão*), Joseph Dowling (*Stein*) e outros.

Produção: Famous Players Lassky; distribuição pela Paramount / *Cópia:* da Biblioteca do Congresso (Washington), 35 mm, com intertítulos em inglês e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 95 minutos a 18 imagens por segundo. / *Estreia mundial:* Nova Iorque, 15 de Novembro de 1925 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

Música ao vivo por DANIEL SCHVETZ na sessão do dia 3.

No admirável mundo antigo das cópias analógicas, em película, que não morreu nem morrerá nas cinematecas dignas deste nome (hoje, boas cópias em 35 mm são trunfos na coleção de uma cinemateca, autênticos *objets d’art*), um filme e uma cópia são e não são exatamente a mesma coisa. Um bom filme numa má cópia continua a ser um bom filme, um mau filme numa boa cópia torna-se muito menos mau. E ver um bom filme numa belíssima cópia, como esta de **Lord Jim** (possivelmente tirada de um original em nitrato, a julgar pela sua clareza e luminosidade), quando convergem a qualidade da obra e a do seu suporte, é uma experiência duplamente prazerosa, sobretudo quando se trata de um filme raramente visto e muito pouco comentado. Um dos critérios da programação deste ciclo dedicado a adaptações de obras de Joseph Conrad foi precisamente mostrar filmes pouco vistos. No caso de **Lord Jim**, estamos sem dúvida diante de um filme que merece ser conhecido e reconhecido. Salvo erro, trata-se da terceira adaptação ao cinema de um dos romances de Conrad, estreada um ano depois da sua morte e, segundo um intertítulo no início, é *“uma sincera tentativa de transpor para o ecrã o livro mais conhecido e mais amado do grande romancista que é Joseph Conrad”*, cujo protagonista *“passou pela vida como um obscuro conquistador da fama, sempre sob suspeita, mas que permanece inescrutável”*. De facto, no cerne da narrativa de Conrad estão o tema da culpa e o da ressurreição, porém sem as conotações religiosas desta última palavra (*“é tolice tentar julgar a alma de um homem pelos seus atos”*, diz aquele que dará ao protagonista uma segunda oportunidade). O escolhido para a realização foi Victor Fleming, que assinou dois filmes excepcionais, pontos extremos do cinema clássico americano, que também são dois dos mais célebres de sempre: **O Feiticeiro de Oz** e **...E Tudo o Vento Levou**. Fleming não foi o “autor” destes filmes, pelo simples facto de não ter sido o único realizador de nenhum dos dois, o que levou alguns espectadores e críticos a porem em dúvida a sua estatura como cineasta. Mas a sua vasta e variada filmografia, que guarda provavelmente outras pequenas preciosidades esquecidas além do filme que vamos ver, contém diversas obras conhecidas que nada têm de anódinas e ilustram o seu talento e a sua destreza: **The Virginian**, um dos primeiros westerns sonoros, os seus dois filmes com a bomba sexual Jean Harlow (**Red Dust** e **Bombshell**), além da versão de **Dr. Jekyll and Mr. Hyde** com Spencer Tracy, Ingrid Bergman e Lana Turner.

Além de provar a competência artesanal de Fleming, esta versão cinematográfica de **Lord Jim** é um exemplo entre mil da grande maturidade a que chegara a linguagem cinematográfica no período final do cinema mudo. A sintaxe cinematográfica muito estruturada e de efeito impecável dos filmes “tradicionais”, como este, foi simultânea à inventividade da linguagem de diversas e variadas vanguardas, entre as quais o cinema revolucionário soviético, cujo filme mais célebre foi realizado precisamente no mesmo ano de **Lord Jim**. Nada é canhestro ou hesitante no filme de Fleming, tudo é ao mesmo tempo absolutamente preciso e extremamente fluido, atores e figurantes não fazem esgares nem caretas (à exceção daqueles que interpretam o vilão Cornelius e o sultão, o que só pode ter sido uma escolha do realizador), o equilíbrio formal e a energia vital não se anulam mutuamente. Os breves planos de abertura, vistas gerais de uma pequena cidade e do seu porto, sob uma intensa luz branca, com uma vertiginosa profundidade de campo, seduzem de imediato o espectador pelo simples poder da imagem, a sua “magia” (à falta de melhor palavra). O facto deste plano de abertura se situar num cenário natural, com um céu e um mar autênticos, ao invés de serem pobremente simulados num exíguo cenário de estúdio, descortina vastos horizontes para o espectador, que se abandona de imediato ao que vê. Diversos pormenores exemplificam a qualidade da realização de Fleming: a predominância da cor branca nos cenários e nas roupas na sequência de abertura, associada à ideia de luz tropical, o à-vontade com que joga com a escala de planos (*close up*, planos gerais, etc.), longe da rigidez que vem da alternância de planos fixos, o cerrado enquadramento na sequência do embarque do navio, que permite um número relativamente reduzido de figurantes - e, como era regra no cinema americano do período, não é esquecida a fotogenia dos olhos claros ao serem filmados a preto e branco. O barco comandado por Jim leva peregrinos muçulmanos rumo a Meca, o que é insólito em Hollywood, mas, o que é ainda mais insólito, somos poupados a qualquer “cor local” com conversas ou orações. **Lord Jim** ilustra um género já estabelecido, o do filme de aventuras nos mares do Sul, porém sem as conotações sensuais que caracterizam estes filmes, nos quais os europeus descobrem os esplendores tropicais. Aqui, em vez de um naufrágio seguido de aventuras galantes, vemos atividades comerciais já estabelecidas entre um negociante europeu instalado na Tailândia e um sultão. Na verdade, embora na fronteira entre a Ásia e a Oceânia, não estamos verdadeiramente nos “mares do Sul” e sim num espaço florestal cortado por um rio - uma aldeia fictícia chamada Patusan, num ponto da Ásia que cabe a cada espectador imaginar, mas que fica em Hollywood - e, mais uma vez, o uso de cenários naturais, verosímeis e não espetaculares, reforça a adesão do espectador. Só há dois europeus ali, o que ilustra uma situação tipicamente colonial, considerada totalmente normal quando o livro de Conrad foi publicado e quando este filme foi feito, é bom lembrar: um homem e uma mulher, mas que não formam um casal e se ele se veste como um capataz europeu ela está vestida como uma mulher dali, absorveu algo da terra onde está (mais tarde ficamos a saber que Jim e ela vão ser casados por um sacerdote muçulmano, um *mollah*). Alguns espectadores talvez considerem um “defeito” cómico, típico do cinema americano, a variedade étnica dos habitantes daquela “aldeia no fim do mundo” (autênticos havaianos e negros, alguns com o barrete muçulmano, ao lado de brancos com a pele escurecida pela maquilhagem, alguns de tronco nu, outros de turbante), mas esta óbvia despreocupação com a “autenticidade” tem também uma função plástica, como se vê pela presença de espadaúdos figurantes negros, de tronco nu, com uma função literalmente decorativa de estátuas. A todos estes elementos visuais que fazem desta versão de **Lord Jim** um esplêndido exemplo do cinema mudo americano, vem acrescentar-se a fidelidade absoluta do filme ao desenlace do livro – o plano final isola os dois amantes depois do homem ter-se entregue à morte – sem a reconciliação póstuma inserida na versão de Richard Brooks.

Antonio Rodrigues